

ARTIGO DE INVESTIGAÇÃO

Vinculação aos pais e necessidades psicológicas básicas em adolescentes: papel moderador da sintomatologia depressiva

Attachment to parents and basic psychological needs of adolescents: Moderating role of depressive symptoms

Apego a los padres y necesidades psicológicas básicas en los adolescentes: papel moderador de la sintomatología depresiva

Catarina Pinheiro Mota^{1,2*} , Ivone Tatiana Ferreira¹ , Mónica Costa^{1,2} 

¹ Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – UTAD, Vila Real, Portugal.

² Centro de Psicologia da Universidade do Porto, Porto, Portugal.

* Autor correspondente.

Forma de citar: Mota, C. P., Ferreira, I. T., & Costa, M. (2025). Vinculação aos pais e necessidades psicológicas básicas em adolescentes: Papel moderador da sintomatologia depressiva. *Rev. CES Psico*, 18(2), 84-97. <https://dx.doi.org/10.21615/cesp.7712>

Resumo

A literatura aponta a qualidade da vinculação com as figuras parentais como fator protetor da sintomatologia depressiva, capaz de contribuir para a satisfação das necessidades psicológicas básicas. O presente estudo tem como objetivo analisar o papel da vinculação aos pais na concretização das necessidades psicológicas básicas em adolescentes, bem como testar o efeito moderador da sintomatologia depressiva na associação anterior. A amostra foi constituída por 1,326 participantes do norte de Portugal, 730 (55.1%) do sexo feminino e 596 (44.9%) do sexo masculino com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos ($M = 15.23$; $DP = 1.70$). A amostra foi recolhida com recurso a questionários de auto-relato como o Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (QVPM), o *Balanced Measure of Psychological Needs* (BMPN), e a *Depression Scale* – CES-D. Os resultados sugerem que a satisfação das necessidades psicológicas básicas é predita positivamente pela qualidade do laço emocional aos pais e negativamente pela inibição da exploração e individualidade face ao pai e à mãe. Constatou-se o efeito moderador da sintomatologia depressiva na relação entre vinculação aos pais e a satisfação da necessidade psicológica básica de competência para ambas as figuras parentais. Os resultados foram discutidos à luz da teoria da vinculação e da autodeterminação, atendendo às vicissitudes desenvolvimentais da adolescência e ao papel das figuras parentais no desenvolvimento do jovem.

Palavras-chave: vinculação aos pais; necessidades psicológicas básicas; sintomatologia depressiva; adolescentes.

Abstract

The literature points to link quality with the primary figures as a protector of depression factors that can contribute to the satisfaction of basic psychological needs for autonomy, competence and attachment. The present study aims to analyze the role of attachment to parents in the basic psychological needs of adolescents, as well as test the moderating effect of depressive symptoms in the previous association. The sample consisted of 1326 participants from north of Portugal, 730 (55.1%) females and 596 (44.9%) males aged between 12 and 18 ($M = 15.23$; $SD = 1.70$). The sample was collected using self-report questionnaires such as the Mother and Father Attachment Questionnaire (QVPM), the Balanced Measure of Psychological Needs (BMPN) and the Depression Scale (CES-D). The results suggest that the basic psychological needs are predicted positively by the quality of the emotional attachment to parents and negatively by inhibition of exploration and individuality to the father and mother. It was found moderating effect of depressive symptoms on the association between

attachment to parents and the basic psychological needs for competence for both parental figures. The results were discussed in the light of attachment theory and self-determination, taking into account the developmental vicissitudes of adolescence and the role of parental figures in the development of the young.

Keywords: attachment to parents; basic psychological needs; depressive symptoms, adolescents.

Resumen

La literatura señala la calidad del apego a las figuras parentales como un factor de protección contra los síntomas depresivos, que puede contribuir a la satisfacción de las necesidades psicológicas básicas. Este estudio pretende comprobar el papel del apego a los padres en las necesidades psicológicas básicas de los adolescentes, así como comprobar el efecto moderador de la sintomatología depresiva sobre la asociación anterior. La muestra es formada por 1.326 participantes del norte de Portugal, 730 (55,1%) mujeres y 596 (44,9%) varones de edades comprendidas entre los 12 y los 18 años ($M = 15,23$; $DP = 1,70$). La muestra se recogió utilizando cuestionarios de autoinforme como el Cuestionario de Apego Materno y Paterno (QVPM), el *Balanced Measure of Psychological Needs* (BMPN), y la *Depression Scale* – CES-D. Los resultados sugieren que las necesidades psicológicas básicas se predicen positivamente por la calidad del apego emocional a los padres y negativamente por la inhibición de la exploración y la individualidad hacia el padre y la madre. Se encontró el efecto moderador de la sintomatología depresiva en la asociación entre el apego a los padres y la necesidad psicológica básica de competencia para ambas figuras parentales. Los resultados se discutieron a la luz de la teoría del apego y la autodeterminación, teniendo en cuenta las vicisitudes del desarrollo de la adolescencia y el papel de las figuras parentales en el desarrollo de los jóvenes.

Palabras clave: apego a los padres; necesidades psicológicas básicas; síntomas depresivos; adolescentes.

Introdução

De acordo com a Teoria da Vinculação as figuras significativas de afeto assumem um papel relevante ao longo do processo desenvolvimental da adolescência (Bowlby, 1969), particularmente no que concerne à satisfação das necessidades psicológicas básicas de competência, autonomia e pertença. Estas necessidades derivam de uma macroteoria motivacional, apresentada como Teoria da Autodeterminação, que contempla um conjunto formado por seis subteorias, entre as quais a teoria das necessidades psicológicas básicas (*basic psychological needs theory*) (Deci & Ryan, 2008; Vansteenkiste et al., 2020). Esta subteoria postula a existência no ser humano de três necessidades psicológicas básicas – pertença, competência e autonomia – consideradas como “*nutrientes psicológicos*” de carácter inato e universal essenciais para o desenvolvimento da personalidade humana e funcionamento cognitivo, promovendo o crescimento psicológico, integridade e bem-estar do indivíduo (Ryan & Deci, 2017). As referidas necessidades explicam ainda a forma como o sujeito regula o seu comportamento, ao longo de *continuum* motivacional intrínseco e extrínseco (Ryan & Deci, 2017; Vansteenkiste, et al., 2020).

A necessidade psicológica básica de competência reflete o desejo de interagir eficazmente com o meio envolvente, sendo esta necessidade satisfeita quando o sujeito é bem-sucedido e revela eficácia pessoal e eficiência na realização das tarefas e atividades desafiantes (e.g. Ryan & Deci, 2008; Slemp et al., 2018). Já a necessidade psicológica básica de autonomia representa a vontade de se ser a origem do próprio comportamento, refletindo uma aceitação e envolvimento num comportamento escolhido, bem como a possibilidade de escolha e controlo sob o mesmo (e.g. Ryan, & Deci, 2017; Ryan et al., 2016). Esta necessidade é satisfeita ao se agir de acordo com os valores integrados, ou na presença de comportamentos autodeterminados (Ryan, et al, 2008). A necessidade psicológica básica de pertença reflete a necessidade de pertença e afiliação do indivíduo, ou seja, o desejo de estar próximo e ligado a outros significativos (Deci & Vansteenkiste, 2004; Ryan & Deci, 2017), através do estabelecimento de relações interpessoais.

A teoria da autodeterminação sugere os contextos sociais como fatores de especial impacto nos níveis de autodeterminação do sujeito, podendo os mesmos apoiarem ou bloquearem a satisfação das necessidades psicológicas básicas (Deci & Ryan, 2008). Uma metanálise de Yu et al. (2018) sugere a associação entre ambientes/contextos sociais controladores e formas de regulação menos autodeterminadas. Por outro lado, ambientes e contextos apoiantes e responsivos, às necessidades psicológicas básicas do indivíduo associam-se positivamente a formas de regulação mais autodeterminadas (Yu et al., 2018). Deste modo, um contexto familiar

cujas interações relacionais e emocionais são capazes de satisfazer as necessidades psicológicas básicas do jovem, associa-se a um funcionamento saudável e ao bem-estar (e.g. Cook, 2020; Reis, et al., 2000).

A família enquanto microsistema social e fonte de socialização primária assume um papel relevante na transmissão de componentes afetivas e no desenvolvimento psicossocial da criança e do adolescente (Rockhill et al., 2009; Vagos & Carvalhais, 2020). De acordo com a literatura as relações de vinculação seguras nas quais exista um elemento de atenção e responsividade mútua relativamente às necessidades do sujeito constituem um elemento-chave na regulação da satisfação de necessidades psicológicas básicas de autonomia, competência e pertença (Cook, 2020; La Guardia & Patrick, 2008; Meeus et al., 2005). Por sua vez, uma baixa qualidade do laço emocional às figuras parentais pode apresentar um contributo positivo para a frustração das necessidades psicológicas básicas de competência, autonomia e pertença (e.g. Vagos & Carvalhais, 2020; Wei et al., 2005). A literatura tem vindo a reportar algumas diferenças em função do sexo dos adolescentes, pelo apesar da controvérsia, tendencialmente a qualidade das relações afetivas desenvolvidas com os jovens potencia diferenças entre sexos na aquisição de competências básicas (e.g. Garnefski et al., 2004; Gorrese & Ruggieri, 2012). Muitos estudos continuam a apontar que os jovens do sexo masculino se mostram mais empoderados e voltados para o desenvolvimento de competências, especialmente voltadas para o desempenho prático e sucesso académico/laboral (e.g. Korlat et al., 2021; Nunes et al., 2023), assim como para o desenvolvimento de comportamentos mais externalizantes e disruptivos (e.g. Blake et al., 2024), comparativamente às jovens do sexo feminino.

A literatura sugere um contributo diferencial dos vínculos seguros e inseguros às figuras significativas no bem-estar psicológico, bem como na ocorrência de problemas de desenvolvimento, internalizados ou exteriorizados ao longo da adolescência (e.g. Blake et al., 2024; Bohn, et al., 2020; Bowlby, 1969; De Santis et al., 2021; Lucktong et al., 2028; Madigan et al., 2016; Mónaco et al., 2019). A maioria das investigações, realizadas neste âmbito, propõe que relações na díade pais-criança pautadas pela qualidade do laço emocional parecem contribuir significativamente para um desenvolvimento emocional mais equilibrado durante a adolescência e, assim, para a ausência de patologia emocional (e.g. Madigan et al., 2016; Meier et al., 2013).

Processos depressivos em jovens têm vindo a ser associados a modelos de vinculação inseguros, pautados pela ausência de qualidade relacional e afetiva às figuras parentais (e.g. Blake et al., 2024; Feldman, 2023; Platts et al., 2022). Ao mesmo tempo e de acordo com a severidade, a sintomatologia depressiva pode afetar negativamente a saúde mental dos jovens (e.g., De Santis et al., 2021; Madigan et al., 2016; Maughan et al., 2013), e dificultar o desenvolvimento das necessidades psicológicas básicas (Uzman, 2014; Vagos & Carvalhais, 2020).

Ainda que a não satisfação das necessidades psicológicas básicas possa conduzir os jovens a um desajuste físico e emocional (Ryan & Deci, 2017), a literatura também suporta que a satisfação das necessidades psicológicas básicas pode ser fomentada ou limitada pelas características do contexto e por características individuais (Deci & Vansteenkiste, 2004; Ntoumanis et al., 2009). Por conseguinte, situações de conflito interno, ansiedade, somatização e depressão estão associados a dificuldades no funcionamento adaptativo dos jovens (De Santis et al., 2021; Blake et al., 2024; Madigan et al., 2016; Uzman, 2014; Vagos & Carvalhais, 2020). Esta questão torna-se particularmente relevante na adolescência, na medida em que sendo um período pautado por várias transições desenvolvimentais, a vivência da dinâmica relacional assume relevância na satisfação das necessidades psicológicas básicas. Nesta medida a sintomatologia depressiva poderá desempenhar um papel moderador face ao desenvolvimento das necessidades psicológicas básicas.

Apesar das evidências acerca da relevância das necessidades psicológicas básicas para o desenvolvimento adaptativo dos jovens (Ryan & Deci, 2017), estudos que abordam estes aspetos em adolescentes em Portugal ainda são escassos.

O presente estudo procura colmatar parte das lacunas encontradas na literatura, no que concerne à abordagem

da vinculação aos pais, em adolescentes, associada às necessidades psicológicas básicas, preconizadas pela teoria da autodeterminação. Pretende ainda analisar o papel moderador da sintomatologia depressiva na relação entre a qualidade da vinculação aos pais e o desenvolvimento das necessidades psicológicas básicas.

Face aos objetivos propostos espera-se que a dimensão qualidade do laço emocional da vinculação aos pais prediga positivamente, a satisfação com as necessidades psicológicas básicas de autonomia, competência e pertença. Por outro lado, espera-se que a dimensão inibição da exploração e individualidade da vinculação face às figuras parentais prediga negativamente a satisfação das necessidades psicológicas básicas. Por último, espera-se que a sintomatologia depressiva dos adolescentes apresente um papel moderador negativo no efeito da qualidade da vinculação aos pais face às as necessidades psicológicas básicas. Espera-se que embora a elevada qualidade da vinculação aos pais potencie maiores necessidades psicológicas básicas, a sintomatologia depressiva tenda a diminuir este efeito. Serão controladas no modelo variáveis como a idade e o sexo dos jovens.

Método

Participantes

Integraram o estudo 1,326 adolescentes portugueses de ambos os sexos, 730 (55.1%) do sexo feminino e 596 (44.9%) do sexo masculino com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos ($M = 15.23$; $DP = 1.70$). No que respeita à escolaridade dos participantes, 438 (33%) compreendem habilitações relativas ao 7º, 8º e 9º ano do ensino básico e 888 (67%) frequentam o 10º, 11º e 12º ano do ensino secundário.

Relativamente à idade das figuras parentais, as figuras paternas dos participantes apresentam idades compreendidas entre os 29 e os 78 anos ($M = 45.85$, $DP = 5.86$) e as figuras maternas apresentam idades entre os 30 e os 77 anos ($M = 43.66$, $DP = 5.40$).

Instrumentos

Questionário Sociodemográfico. Construído no sentido de obter informações do âmbito individual (e.g. sexo, idade) e familiar (e.g. idade pais).

Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe (QVPM). Desenvolvido por Matos e Costa (2001) no sentido de avaliar as representações de vinculação que os adolescentes têm face à figura materna e paterna. Este instrumento é composto por 30 itens, distribuídos por três dimensões: a qualidade do laço emocional (QLE) (ex., “Tenho confiança que a minha relação com os meus pais se vai manter no tempo”), a ansiedade de separação (AS) (ex., “É fundamental para mim que os meus pais concordem com aquilo que eu penso”) e a inibição da exploração e individualidade (IEI) (ex., “Os meus pais estão sempre a interferir em assuntos que só têm a ver comigo”). As opções de resposta para cada item variam segundo uma escala de Likert de 6 pontos entre “discordo totalmente” (1) e “concordo totalmente” (6). Para a presente amostra, os valores de *alpha de Cronbach*, que correspondem aos valores da consistência interna, foram: QLE pai = .93; QLE mãe = .89; AS pai = .85; AS mãe = .83; IEI pai = .79; IEI mãe = .80. A totalidade do instrumento assume valores de *alpha de Cronbach* de .86 para o pai, .81 para a mãe e escala completa de .91. As análises fatoriais confirmatórias apresentam índices de ajustamento adequados para os modelos tanto na versão para o pai, $\chi^2(20) = 120.97$; $p < .001$, $\chi^2/df = 3.05$; RMR = .06; GFI = .98; AGFI = .96; NFI = .98; IFI = .99; CFI = .99; RMSEA = .06 e SRMR = .05, como para a mãe, $\chi^2(21) = 124.30$; $p < .001$, $\chi^2/df = 3.92$; RMR = .05; GFI = .98; AGFI = .96; NFI = .98; IFI = .98; CFI = .98; RMSEA = .06 e SRMR = .04.

Balanced Measure of Psychological Needs (BMPN). Instrumento desenvolvido por Sheldon e Hilpert (2012) e traduzido e adaptado para o presente estudo. Trata-se de um questionário de autorrelato que objetiva avaliar o grau de satisfação do sujeito com três necessidades psicológicas básicas: competência, autonomia e pertença. Este instrumento é composto por 18 itens, distribuídos por três dimensões: Competência (ex., “Conseguir completar com sucesso tarefas e projetos difíceis”), Autonomia (ex., “As minhas escolhas expressam o meu verdadeiro eu”) e Pertença (ex., “Sinto-me próximo/a das pessoas que são importantes para mim”). As opções de resposta para cada item variam segundo uma escala de Likert de 5 pontos entre “discordo muito” (1) a

“concordo muito” (5). Para o presente estudo, os valores de *alpha de Cronbach*, que correspondem aos valores da consistência interna, foram: .63 para a dimensão competência, .50 para a dimensão autonomia e .63 para a dimensão pertença. A totalidade do instrumento assume valores de *alpha de Cronbach* de .76. As análises fatoriais confirmatórias apresentam índices de ajustamento adequados para os modelos, $\chi^2(22) = 23.71$; $p = .363$, $\chi^2/gf = 1.08$; RMR=.01; GFI= .99; AGFI= .99; NFI= .99; IFI= .99; CFI = .99; RMSEA = .00 e SRMR = .02

Escala de Depressão do Centro de Estudos Epidemiológicos (Center for Epidemiological Studies – Depression Scale – CES-D). Originalmente desenvolvida por Radloff (1977) e adaptada para a população portuguesa por Gonçalves e Fagulha (2004). Este instrumento permite avaliar a sintomatologia depressiva na população geral, atribuindo destaque à componente afetiva do quadro psicopatológico depressivo e assumindo a existência de um *continuum* entre o funcionamento normal e as formas graves de depressão (Radloff, 1977). Trata-se de um instrumento de autorrelato composto por 20 itens (ex., “*Fiquei aborrecido com coisas que habitualmente não me aborrecem*”). As opções de resposta para cada item são dadas de acordo com uma escala de *Likert* de quatro pontos que varia entre “*Nunca ou muito raramente*” (0) e “*Com muita frequência ou sempre*” (3) correspondentes à frequência com que o sintoma foi vivenciado na semana transata à aplicação da escala (Radloff, 1977). O valor de *alpha de Cronbach* para a presente amostra é de .89. A análise fatorial confirmatória apresentou índices de ajustamento adequados, $\chi^2(167) = 816.52$; $p < .001$, $\chi^2/gf = 3.89$; RMR=.03; GFI= .94; AGFI= .92; NFI= .91; IFI= .93; CFI = .92; RMSEA = .05 e SRMR = .04.

Procedimento

O presente estudo foi aprovado pela Comissão de Ética da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal e da Direção Geral da Educação Portuguesa. A recolha de dados foi realizada em 11 instituições de Ensino Básico e Secundário da região norte de Portugal. O preenchimento dos questionários foi efetuado em contexto de sala de aula, sob a presença do investigador e do docente, com uma duração média de resposta de 20 minutos. Anteriormente ao preenchimento do protocolo de avaliação foram fornecidas instruções referentes aos objetivos gerais do estudo, ao modo de preenchimento de cada questionário e reforçados os pressupostos de voluntariedade, privacidade, anonimato e confidencialidade das informações prestadas. Ressalva-se que, de modo a precaver enviesamentos nas respostas devido ao fator cansaço ou respostas aleatórias, foram construídas duas versões do protocolo com inversão da ordem dos questionários de autorrelato.

Análise de dados

A presente investigação apresenta um cariz metodológico quantitativo e transversal. O tratamento dos resultados foi realizado através do programa estatístico SPSS – *Statistical Package for Social Sciences* – na sua versão 27.0. Foram realizadas análises de regressão múltipla hierárquica para analisar o efeito preditor da vinculação aos pais e da sintomatologia depressiva nas dimensões da variável necessidades psicológicas básicas. Foram garantidos os pressupostos de linearidade e não multicolinearidade das variáveis em estudo, assim como a homogeneidade de variância dos erros para realizar a análise de regressão múltipla hierárquica (Ross & Willson, 2017). O efeito moderador da sintomatologia depressiva foi testado através do *Macro Process* de acordo com a metodologia de Hayes (2013) que utiliza a técnica de reamostragens *bootstrapping* e baseia-se na avaliação dos caminhos. O efeito de moderação (W) ocorre quando uma variável, categórica ou contínua, afeta a direção ou a intensidade da relação entre uma variável independente (X) e uma dependente (Y). A técnica fornece o cálculo de significância dos efeitos através do teste de teoria com distribuição normal (coeficiente de significância “p”) e distribuição não normal (intervalos de confiança CI superior e inferior), para valores de -1 D.P., média e +1 D.P do moderador M. O modelo pode ser calculado com script PROCESS, desenvolvido no SPSS, que permite obter a distribuição a através de um gráfico (Hayes (2013). Para elaboração do modelo recorreu-se à construção de uma variável compósita, construída através média das variáveis (qualidade do laço emocional + ansiedade de separação - inibição da exploração e individualidade), para avaliar a vinculação ao pai e à mãe separadamente (Marôco, 2018). As variáveis sexo e idade foram, também, controladas no modelo e recodificadas em *dummy* (Missio, & Jacobi, 2007), de modo a identificar e analisar qual dos sexos (0 - sexo masculino; 1- sexo feminino) e idades (0 - [12 – 15] anos; 1- [16 – 18] anos) melhor contribuem e predizem as variáveis dependentes, nomeadamente as necessidades psicológicas básicas.

Resultados

Associação entre a vinculação aos pais, necessidades psicológicas básicas e sintomatologia depressiva em adolescentes

Por forma a trazer uma perspetiva geral da relação entre as variáveis em estudo, foram realizadas análises preliminares, nomeadamente as associações entre a *vinculação aos pais*, *as necessidades psicológicas básicas* e *a sintomatologia depressiva* em adolescentes. Os resultados das análises de correlações inter-escalas, as respetivas médias e desvios-padrão reportados permitem constatar que existem correlações significativas entre as variáveis em estudo conforme se observa na [Tabela 1](#).

Tabela 1. Correlação entre variáveis, média e desvio-padrão (N=1326).

Variáveis	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
QVPM-Pai										
1. QLE	-									
2. AS	.69**	-								
3. IEI	-.19**	.08**	-							
QVPM-Mãe										
4. QLE	.62**	.47**	-.24**	-						
5. AS	.35**	.81**	.08**	.60**	-					
6. IEI	-.22**	.05	.86**	-.32**	.04	-				
BMPN										
7. Vinculação	.36**	.18**	-.21**	.36**	.12**	-.24**	-			
8. Competência	.27**	.08**	-.25**	.25**	.02	-.24**	.41**	-		
9. Autonomia	.22**	.05	-.31**	.28*	.05	-.35**	.42**	.42**	-	
10. CES-D	-.32**	-.10**	.29**	-.30**	-.05	.29**	-.53**	-.48**	-.40**	-
<i>M</i>	5.19	4.18	3.10	5.43	4.35	3.22	4.12	3.37	3.41	1.78
<i>SD</i>	.91	.97	.94	.65	.90	.97	.60	.63	.64	.48

* $p < .05$; ** $p < .01$ Os negritos representam correlações significativas. QVPM- Questionário de Vinculação ao Pai e à Mãe; QLE- Qualidade do laço emocional; AS- Ansiedade de separação; IEI- Inibição da exploração e individualidade; BMPN - *Balanced measure of psychological needs*; CES-D - Escala de Depressão do Centro de Estudos Epidemiológicos (*Center for Epidemiological Studies – Depression Scale*).

Papel preditor da vinculação aos pais

Na continuidade do estudo e por forma a responder a um dos objetivos inicialmente propostos, procedeu-se à realização de análises de regressões múltiplas hierárquicas, introduzindo-se em todas as análises 4 blocos: sexo, idade, vinculação ao pai e vinculação à mãe, enquanto variáveis independentes.

Na análise de regressão múltipla hierárquica para a variável dependente *necessidade psicológica básica de autonomia* e através da análise individual do contributo de cada uma das variáveis independentes dos blocos (sexo, idade, vinculação ao pai e vinculação à mãe), constata-se que duas variáveis apresentam uma contribuição significativa ($p < .05$) enquanto preditoras da necessidade psicológica básica de autonomia, cuja sua apresentação será efetuada por ordem de importância: inibição da exploração e individualidade à mãe ($\beta = -.21$) e qualidade do laço emocional à mãe ($\beta = .20$) (tabela 2).

Na análise de regressão múltipla hierárquica face à variável dependente *necessidade psicológica básica de competência* e através da análise individual do contributo de cada uma das variáveis independentes dos blocos (sexo, idade, vinculação ao pai e vinculação à mãe), constata-se que quatro variáveis apresentam uma contribuição significativa ($p < .05$) enquanto preditoras da necessidade psicológica básica de competência, cuja sua apresentação será efetuada por ordem de importância: qualidade do laço emocional ao pai ($\beta = .21$), inibição

da exploração e individualidade ao pai ($\beta = -.16$), qualidade do laço emocional à mãe ($\beta = .15$) e sexo (*dummy*) com prevalência na predição do sexo masculino ($\beta = -.09$) (Tabela 2).

Por fim, a análise de regressão múltipla hierárquica face à variável dependente *necessidade psicológica básica de pertença* e através da análise individual do contributo de cada uma das variáveis independentes dos blocos (sexo, idade, vinculação ao pai e vinculação à mãe), constata-se que quatro variáveis apresentam uma contribuição significativa ($p < .05$) enquanto predictoras da necessidade psicológica básica de pertença, cuja sua apresentação será efetuada por ordem de importância: qualidade do laço emocional à mãe ($\beta = .24$), qualidade do laço emocional ao pai ($\beta = .21$), sexo (*dummy*) com prevalência na predição do sexo masculino ($\beta = -.10$) e idade (*dummy*) com contributo do grupo de indivíduos com idades compreendidas entre [12-15] anos ($\beta = -.06$) (Tabela 2).

Tabela 2. Regressões múltiplas hierárquicas das necessidades psicológicas básicas de autonomia, competência e pertença.

Autonomia	R²	R²Change	B	SE	β	T	P
Bloco 1 - Sexo (<i>dummy</i>)	.01	.01	-.06	.03	-.05	-1.92	.055
Bloco 2 – Idade (<i>dummy</i>)	.01	.00	.01	.03	.00	.16	.874
Bloco 3 – Vinculação ao pai	.13	.12					
QLE PAI			.06	.05	.09	1.17	.241
AS PAI			-.04	.07	-.06	-.57	.567
IEI PAI			-.04	.03	-.06	-1.14	.253
Bloco 4- Vinculação à mãe	.16	.04					
QLE MÃE			.19	.06	.20	3.30	.001
AS MÃE			-.02	.06	-.03	-.34	.733
IEI MÃE			-.14	.03	-.21	-4.13	.000
Competência	R²	R²Change	B	SE	β	T	P
Bloco 1 - Sexo (<i>dummy</i>)	.01	.01	-.12	.03	-.09	-3.56	.000
Bloco 2 – Idade (<i>dummy</i>)	.02	.00	-.05	.03	-.04	-1.46	.146
Bloco 3 – Vinculação ao pai	.13	.12					
QLE PAI			.15	.05	.21	2.84	.005
AS PAI			-.45	.06	-.07	-.71	.477
IEI PAI			-.11	.03	-.16	-3.14	.002
Bloco 4- Vinculação à mãe	.14	.01					
QLE MÃE			.14	.06	.15	2.45	.015
AS MÃE			-.05	.06	-.07	-.73	.464
IEI MÃE			-.00	.03	-.01	-.12	.906
Pertença	R²	R²Change	B	SE	β	T	P
Bloco 1 - Sexo (<i>dummy</i>)	.02	.02	-.12	.03	-.10	-4.11	.000
Bloco 2 – Idade (<i>dummy</i>)	.02	.01	-.08	.03	-.06	-2.50	.012
Bloco 3 – Vinculação ao pai	.17	.14					
QLE PAI			.14	.05	.21	2.96	.003
AS PAI			-.02	.06	-.03	-.28	.781
IEI PAI			-.02	.03	-.03	-.56	.576
Bloco 4- Vinculação à mãe	.19	.03					
QLE MÃE			.22	.05	.24	4.05	.000
AS MÃE			-.04	.06	-.07	-.75	.451
IEI MÃE			-.06	.03	-.09	-1.88	.060

Nota: B, SE e β para um nível de significância de $p < .05$. Bloco1- Sexo (*dummy*); Bloco 2-Idade (*dummy*); Bloco 3- Dimensões da vinculação ao pai (QVPM-PAI); Bloco 4- Dimensões da vinculação à

mãe (QVPM-MÃE); QLE- Qualidade do laço emocional; AS- Ansiedade de separação; IEI- Inibição da exploração e individualidade.

Papel moderador da sintomatologia depressiva

Com o objetivo de testar o papel moderador da sintomatologia depressiva na relação entre a vinculação aos pais e as necessidades psicológicas básicas procedeu-se, numa primeira fase, à realização de uma regressão linear simples cuja variável dependente se refere às necessidades psicológicas básicas de autonomia, competência e pertença. Verificando-se um efeito moderador da sintomatologia depressiva na relação entre a vinculação aos pais e a satisfação das necessidades psicológicas básicas de competência, autonomia e pertença.

Os resultados relativos à necessidade psicológica básica de *pertença* apontam a ausência de interações significativas na relação entre sintomatologia depressiva e a vinculação ao pai, $\Delta R^2 = .00$, $p = .930$; $\Delta F(3, 1322) = 198.10$, $p < .001$, e à mãe, e $\Delta R^2 = .00$, $p = .613$; $\Delta F(3, 1322) = 196.40$, $p < .001$.

No que respeita à necessidade psicológica básica *autonomia* não se observam igualmente interações significativas na relação entre sintomatologia depressiva e a vinculação ao pai, $\Delta R^2 = .00$, $p = .410$; $\Delta F(3, 1322) = 98.10$, $p < .001$, e à mãe, $\Delta R^2 = .00$, $p = .666$, $\Delta F(3, 1322) = 113.51$, $p < .001$. Deste modo, na presente amostra, a sintomatologia depressiva não exerce um efeito moderador na relação da vinculação às figuras parentais e as necessidades psicológicas básicas de pertença e autonomia.

Por último, no que concerne à necessidade psicológica básica de *competência* verificaram-se interações significativas na relação entre sintomatologia depressiva e a vinculação ao pai, $\Delta R^2 = .01$, $p = .004$, $\Delta F(3, 1322) = 146.29$, $p < .001$, e à mãe, $\Delta R^2 = .01$, $p = .004$, $\Delta F(3, 1322) = 140.98$, $p < .001$. Neste seguimento, constata-se o papel moderador da sintomatologia depressiva na relação entre a vinculação aos pais e a necessidade psicológica básica de competência, respetivamente para o pai ($b = .13$; $t(1322) = 2.76$; $p = .003$, e a mãe ($b = .14$; $t(1322) = 2.74$; $p = .003$) (Tabela 3).

Tabela 3. Regressão múltipla - Papel moderador da depressão na relação entre a vinculação aos pais e a necessidade psicológica básica de competência.

Competência	R^2	R^2 Change	B	SE	β	t	p
MÃE	.169	.01					.004
Vinculação Mãe			.05	.016	.12	2.42	.016
Depressão			.25	.016	.39	15.8	.000
Vinculação Mãe X Depressão			.08	.015	.14	2.74	.003
PAI	.168	.01					.004
Vinculação Pai			.06	.016	.15	2.56	.021
Depressão			.27	.016	.41	15.9	.000
Vinculação Pai x Depressão			.09	.15	.13	2.76	.003

Variável Vinculação Compósita (QLE+AS -IEI)/3

Nota: B, SE e β para um nível de significância de $p < .05$.

O gráfico da variação da sintomatologia depressiva em função da vinculação ao pai e à mãe e da satisfação da necessidade psicológica básica de competência sugere que, jovens com níveis mais elevados de qualidade da vinculação ao pai e à mãe estão associados a maior satisfação com a necessidade psicológica básica de competência para os jovens que apresentam menores níveis de sintomatologia depressiva. Na presença de elevada sintomatologia depressiva os jovens tendem a apresentar menos necessidades psicológicas básicas de competência. Os valores da interação da vinculação aos pais e a variável moderadora obtidos através do PROCESS são reportados para análise dos resultados (Tabela 4 e 5; Figura 1 e 2).

Tabela 4. Papel moderador da Depressão no modelo Pai – PROCESS.

PAI	Baixa Vinculação (-1 DP)	Média Vinculação	Alta Vinculação (+1 DP)
Baixa Depressão (-1 DP)	3,508	3,614	3,789
Média Depressão	3,275	3,440	3,448
Alta Depressão (+1 DP)	3,023	3,099	3,115

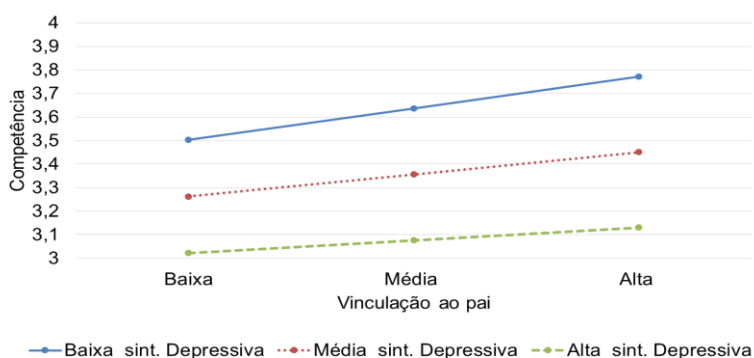


Figura 1. Papel moderador da sintomatologia depressiva na relação entre a satisfação com a necessidade psicológica básica de competência e a vinculação ao pai.

Tabela 5. Papel moderador da Depressão no modelo Mãe – PROCESS.

MÃE	Baixa Vinculação (-1 DP)	Média Vinculação	Alta Vinculação (+1 DP)
Baixa Depressão (-1 DP)	3,528	3,621	3,718
Média Depressão	3,281	3,380	3,436
Alta Depressão (+1 DP)	3,045	3,089	3,114

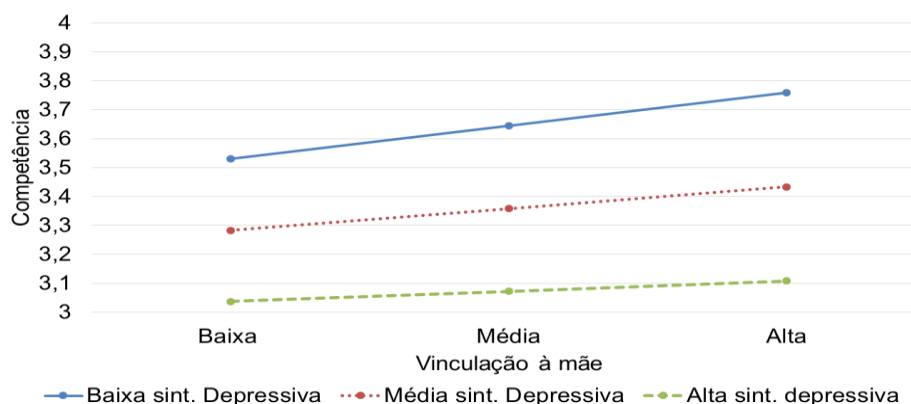


Figura 2. Papel moderador da sintomatologia depressiva na relação entre a satisfação com a necessidade psicológica básica de competência e a vinculação à mãe.

Discussão

O presente estudo teve como objetivo testar o papel da vinculação aos pais no desenvolvimento das necessidades psicológicas básicas em adolescentes. Pretendeu-se ainda testar em que medida a sintomatologia depressiva pode exercer um efeito moderador na relação anterior.

Os resultados apontam que inibição da exploração e individualidade face à mãe prediz negativamente a satisfação da necessidade psicológica básica de autonomia. Por outro lado, e tal como seria esperado, a qualidade do laço emocional face à mãe prediz positivamente a satisfação da necessidade psicológica de autonomia. A autonomia constitui uma importante dimensão das necessidades psicológicas básicas que tende a desenvolver-se quando existem condições de funcionamento adaptativo no contexto dos jovens (Ryan & Deci, 2017). Desta feita, a qualidade da relação desenvolvida com a figura materna constitui uma importante fonte de segurança que se espelha desde cedo no processo de separação/individuação das crianças e jovens (Bowlby, 1969). A qualidade do laço emocional traduz modelos internos mais seguros que promovem a capacidade de explorar o exterior, nesta medida a relação de inibição da exploração e individualidade face à mãe e muito associada à necessidade de proteção (pais helicóptero) pode dificultar o desenvolvimento de autonomia e identidade dos jovens (e.g. Cook, 2020).

Os resultados observados são consistentes com a literatura que sugere que a aquisição de autonomia, enquanto tarefa específica da adolescência e jovem adultícia (Arnett, 2000), sempre que pautada por relações de vinculação às figuras parentais, com destaque face à figura materna, assentes na qualidade relacional e afetiva, propiciam o desenvolvimento de uma individuação bem-sucedida (Meeus et al., 2005; Monteiro et al., 2008). Vários autores têm vindo a apontar as relações seguras na díade pais-filhos como facilitadoras do desenvolvimento positivo de vários indicadores psicossociais como da autonomia do adolescente (e.g. Cook, 2020). Kins et al. (2012) observaram no seu estudo com 232 jovens que um estilo parental pautado pelo controlo psicológico e inibição estava relacionado com um processo de separação-individuação patológico, dificultando a autonomia dos jovens. O facto de apenas se ter encontrado efeito preditivo da figura materna face à dimensão autonomia, poderá dever-se ao papel da mãe que ainda prevalece nas sociedades ocidentais, pelo que o estabelecimento de modelos internos se relaciona, predominantemente, com consistência e permanência da figura materna no desenvolvimento psicoafectivo do adolescente comparativamente com o pai (Ainworth, 1989; Grossmann et al., 2002; Feldman, 2023).

Os resultados apontam ainda que a qualidade do laço emocional a ambas figuras parentais prediz positivamente a necessidade psicológica básica de competência. Observou-se também que a inibição da exploração e individualidade ao pai prediz de forma negativa a competência. Verificou-se ainda que são os jovens do sexo masculino que predizem a dimensão competência quando comparados com as jovens do sexo feminino. A competência traduz uma necessidade psicológica básica necessária ao funcionamento adaptativo dos jovens, que se sentem mais integrados e competentes (e.g. Slemp et al., 2018).

De acordo com a evidência empírica as características das relações interpessoais e afetivas com as figuras parentais assumem-se com especial contributo na inibição ou incentivo do desenvolvimento e expressão de competências cognitivas, sociais e emocionais (Pinquart, 2016; Rockhill et al., 2009; Vagos & Carvalhais, 2020). Alguns estudos corroboram que a qualidade da vinculação com as figuras parentais pautada por continuidade e reciprocidade de cuidado pode assumir um papel promotor de competência e autoeficácia dos jovens (e.g. Jiménez-Rodríguez et al., 2022). Por outro lado, condutas parentais pautadas por restrições e inibições da exploração do mundo e da promoção da individualidade do jovem parecem ocasionar uma avaliação do mundo por parte deste como perigoso e representações internas como incapaz e pouco competente, mediante a internalização de modelos internos dinâmicos negativos (e.g. Mancinelli et al., 2021; Meier et al., 2013; Monteiro et al., 2008; Vagos & Carvalhais, 2020). Deste modo jovens com mais limitações no desenvolvimento e estruturação do *Eu* e exploração do mundo podem ficar mais propensos à frustração da necessidade psicológica básica de competência, pelos sentimentos de desvalorização pessoal e baixa perceção de confiança pessoal (Mancinelli et al., 2021).

O resultado observado destaca-se também pela relevância da figura paterna na transmissão de segurança e proteção do jovem, pelo que uma relação com a figura paterna pautada pela inibição da exploração e individualidade pode promover adolescentes menos confiantes em si mesmos e nos outros, e em consequência menos competentes nas dinâmicas relacionais (Bowlby, 1969; Feldman, 2023).

De ressaltar ainda que jovens do sexo masculino tendem a desenvolver mais competências, particularmente de uma componente prática com comportamentos mais externalizados (e.g. Gorrese & Ruggieri, 2012; Korlat et al., 2021; Nunes et al., 2023). Assim, embora a literatura aponte que as jovens do sexo feminino mantenham dinâmicas relacionais mais alargadas e, por conseguinte, mais competências verbais e sociais (e.g. Gorrese & Ruggieri, 2012; Korlat et al., 2021; Nunes et al., 2023), poderemos discutir no presente estudo que as necessidades de competências estão mais relacionadas com a resolução de dificuldades e estratégias adaptativas que são uma característica mais prevalente no sexo masculino (Blake et al., 2024; Korlat et al., 2021; Nunes et al., 2023).

O modelo observa ainda, tal como seria esperado, o papel preditor positivo da qualidade do laço emocional ao pai e à mãe na dimensão de necessidade psicológica básica de pertença. Constatando-se também que mais uma vez foram os jovens do sexo masculino, e ainda os jovens mais novos que melhor predizeram a pertença. Assim, o sentido de pertença constitui uma variável relevante para a organização dos jovens na medida em que se traduz num sentimento de inclusão e acolhimento num grupo ou contexto (Korlat et al., 2021).

A qualidade do laço emocional desenvolvido com as figuras parentais recria modelos positivos de si e dos outros (Ainsworth, 1989), potenciando o sentimento de ser acarinhado e fazer parte de um grupo (e.g. Garnefski et al., 2004; Lucktong et al., 2018). São os jovens mais novos que geralmente procuram maior proximidade (e.g. Gorrese et al., 2012), já que estando num processo de desenvolvimento e autonomia pautado por transições pessoais, emocionais e sociais podem mostrar-se mais significativos na predição da pertença. Esta questão pode ainda ser mais significativa para os jovens do sexo masculino, na medida em que se encontram geralmente mais voltados para o exterior e com mais necessidade de externalização face ao grupo (Blake et al., 2024; Korlat et al., 2021; Nunes et al., 2023).

Por último, a análise do papel moderador da sintomatologia depressiva sugere a existência de moderação da sintomatologia depressiva na relação entre a vinculação às figuras parentais e a necessidade psicológica básica de competência. Assim, observou-se que elevada vinculação aos pais implica maiores níveis de competência, todavia quando se verificam elevados níveis de sintomatologia depressiva os níveis de competência são inferiores.

De acordo com a teoria da vinculação, uma elevada qualidade da relação entre as figuras parentais e os jovens, pautada por responsividade e disponibilidade parental capaz de proporcionar apoio, afeto e segurança emocional, torna os jovens menos vulneráveis e a comprometimentos no seu desenvolvimento pessoal e particularmente ao nível da sua perceção de competência pessoal (Bowlby, 1969). Todavia destaca-se o papel negativo da sintomatologia depressiva nos jovens, associando-se a menor capacidade de regulação emocional dos jovens na gestão das adversidades o que pode diminuir o sentido de competência pessoal (e.g., De Santis et al., 2021; Madigan et al., 2016; Maughan et al., 2013), e dificultar o desenvolvimento das necessidades psicológicas básicas (Uzman, 2014; Vagos & Carvalhais, 2020).

A literatura apoia a ideia que a qualidade da ligação com figuras significativas de afeto, nomeadamente os pais potencializam o desenvolvimento de experiências mais adaptativas, sensação de maior controlo, equilíbrio, competências para enfrentar situações adversas (e.g. Blake et al., 2024; Feldman, 2023; Platts et al., 2022), que se traduzem em maior autonomia, autossuficiência, satisfação com a vida e competências pessoais (Legault et al., 2006; Lucktong et al. 2018). Deste modo, níveis elevados de sintomatologia depressiva surgem neste contexto como um fator de risco para o desenvolvimento de necessidades básicas de competência, mestria e eficácia pessoal.

Implicações práticas, limitações e pistas futuras

Como implicações práticas da presente investigação destaca-se a compreensão das repercussões negativas que o estabelecimento de ligações inseguras com as figuras significativas de afeto exerce sobre a satisfação das necessidades psicológicas básicas, bem como no desajustamento emocional do adolescente, particularmente ao

nível da presença de sintomatologia depressiva. A qualidade do laço emocional às figuras primordiais constitui um fator protetor das necessidades psicológicas básicas.

Desta feita, face aos dados encontrados pelo presente estudo é importante propor programas de educação parental de natureza preventiva que vise a sensibilização das figuras significativas, especialmente das figuras parentais, para a importância e as repercussões do estabelecimento de laços afetivos de qualidade no desenvolvimento do adolescente, alertando para a possível ocorrência de quadros depressivos, internalizados ou exteriorizados, como indicador de desajustamento emocional. Importa ainda reportar a relevância de transpor estes dados para o contexto clínico, na medida em que a sintomatologia depressiva pode ser entendidas à luz de vivências precoces infantis marcadas por situações de sofrimento interno, carência afetiva e ausência de responsividade parental. Desta forma ao trabalhar os jovens com menor qualidade dos laços afetivos às figuras parentais podemos ajudá-los na redução dos seus níveis de mal-estar interno e, conseqüentemente, auxiliá-los na satisfação das necessidades psicológicas básicas.

Por último, cabe destacar fragilidades associadas ao presente estudo decorrentes da utilização de instrumentos de autorrelato, passíveis de enviesamentos e preenchidos pelos mesmos sujeitos. Outra limitação da investigação prende-se com o carácter transversal da mesma, o que impossibilita a realização de comparação dos resultados ao longo do tempo e o estabelecimento de relações causais. Acrescem como outras limitações o facto da recolha da amostra para a presente investigação ter sido recolhida apenas no norte de Portugal e a extensa dimensão do protocolo de investigação passível de ocasionar respostas aleatórias ou condicionadas pelo fator cansaço.

Ainda, como uma outra limitação poder-se-á apontar a menor fiabilidade face aos valores baixos da consistência interna no instrumento *Balanced Measure of Psychological Needs* (BMPN). Para contornar estas limitações seria pertinente em estudos futuros, utilizar outras fontes independentes e/ou medidas (e.g., entrevista, narrativas, entre outros), assim como o recurso a multinformantes. Poderiam ainda ser utilizados outros instrumentos de medida para as necessidades psicológicas básicas, assim como a introdução de outras variáveis como a resiliência e a regulação emocional. O estudo beneficiaria com a realização de uma investigação longitudinal o que permitiria inferir associações causais entre as variáveis em estudo, assim como uma abordagem de cariz qualitativo aprofundando a perspetiva dos jovens face às necessidades básicas e o ajustamento emocional.

Esta investigação foi parcialmente suportada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT UIDB/00050/2020).

Referências

- Ainsworth, M. D. S. (1989). Attachment beyond infancy. *American Psychologist*, *44*, 709-716. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/0003-066X.44.4.709>
- Arnett, J. J. (2000). Emerging adulthood: A development theory from the late teens through the twenties. *American Psychologist*, *55*(5), 469-480. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/0003-066X.55.5.469>
- Blake, J. A., Thomas, H. J., Pelecanos, A. M., Najman, J. M., & Scott, J. G. (2024). The unique role of adolescent internalizing and externalizing problems, and maternal-adolescent communication in their association with attachment in early adulthood. *Acta Psychologica*, *246*, 104273. <https://doi.org/10.1016/j.actpsy.2024.104273>
- Bohn, J., Holtmann, J., Luhmann, M., Koch, T., & Eid, M. (2020). Attachment to parents and well-being after high school graduation: A study using self- and parent ratings. *Journal Of Happiness Studies*, *21*, 2493–2525. <https://doi.org/10.1007/s10902-019-00190-y>
- Bowlby, J. (1969). *Attachment and loss*. (Vol. I: Attachment). Basic Books.
- Cook, E.C. (2020). Understanding the associations between helicopter parenting and emerging adults' adjustment. *Journal of Child Family Studies*, *29*, 1899–1913. <https://doi.org/10.1007/s10826-020-01716-2>
- D'Avanzato, C., Joormann, J., Siemer, M., & Gotlib, I. (2013). Emotion regulation in depression and anxiety: Examining diagnostic specificity and stability of strategy use. *Cognitive Therapy and Research*, *37*(5), 968-980. <https://doi.org/10.1007/s10608-013-9537-0>
- De Santis, S., Falgares, G., & Kopala-Sibley, D.C. (2021).

- The relationship between attachment styles and internalizing/externalizing problems: The mediating role of self-criticism. *Current Psychology*, 40, 2355–2365. <https://doi.org/10.1007/s12144-019-00174-4>
- Deci, E. L., & Ryan, R. M. (2008). Self-determination theory: A macrotheory of human motivation, development, and health. *Canadian Psychology*, 49(3), 182-185. <https://doi.org/10.1037/a0012801>.
- Deci, E. L., & Vansteenkiste, M. (2004). Self-determination theory and basic need satisfaction: understanding human development in positive psychology. *Ricerche di Psicologia*, 27, 17-34.
- Feldman, R. (2023). Father contribution to human resilience. *Development and Psychopathology*, 35(5), 2402-2419. <https://doi.org/10.1017/S0954579423000354>
- Garnefski, N., Teerds, J., Kraaij, V., Legerstee, J., & Krommer, T. (2004). Cognitive emotion regulation strategies and depressive symptoms: Differences between males and females. *Personality and Individual Differences*, 36(2), 267-276. [https://doi.org/10.1016/S0191-8869\(03\)00083-7](https://doi.org/10.1016/S0191-8869(03)00083-7)
- Gonçalves, B., & Fagulha, T. (2004). The portuguese version of the Center for Epidemiologic Studies Depression Scale (CES-D). *European Journal of Psychological Assessment*, 20, 339-348. <https://doi.org/10.1027/1015-5759.20.4.339>
- Gorrese, A., & Ruggieri, R. (2012). Peer attachment: A meta-analytic review of gender and age differences and associations with parent attachment. *Journal of Youth and Adolescence*, 41, 650–672. <https://doi.org/10.1007/s10964-012-9759-6>
- Grossmann, K., Grossmann, K., Fremmer-Bombik, E., Kindler, H., Scheuerer-Englisch, H., & Zimmermann, P. (2002). The uniqueness of the child-father attachment relationship: Father's sensitive and challenging play as a pivotal variable in a 16-year longitudinal study. *Social development*, 11(3), 307-331.
- Hayes, A. F. (2013). *Introduction to mediation, moderation, and conditional process analysis: a regression-based approach*. The Guilford Press.
- Jiménez-Rodríguez, T., De la Barrera, U., Schoeps, K., Valero-Moreno, S., & Montoya-Castilla, I. (2022). Longitudinal analysis of adolescent adjustment: The role of attachment and emotional competence. *Children*, 9, 1711. <https://doi.org/10.3390/children9111711>
- Kins, E., Soenens, B., & Beyers, W. (2012). Parental psychological control and dysfunctional separation-individuation: A tale of two different dynamics. *Journal of Adolescence*, 35(1), 1099-1109. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2012.02.017>
- Korlat, S., Foerst, N. M., Schultes, M., Schober, B., Spiel, C., & Kollmayer, M. (2021). Gender role identity and gender intensification: Agency and communion in adolescents' spontaneous self-descriptions. *European Journal of Developmental Psychology*, 19(1), 64–88. <https://doi.org/10.1080/17405629.2020.1865143>
- La Guardia, J., & Patrick, H. (2008). Self-determination theory as a fundamental theory of close relationships. *Canadian Psychology*, 49(3), 201–209. <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/a0012760>
- Legault, L., Anawati, M., & Flynn, R. (2006). Factors favoring psychological resilience among fostered young people. *Children and Youth Services Review*, 28, 1024–1038. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2005.10.006>.
- Lucktong, A., Salisbury, T. T., & Chamrathirong, A. (2018). The impact of parental, peer and school attachment on the psychological well-being of early adolescents in Thailand. *International Journal of Adolescence and Youth*, 23(2), 235–249. <https://doi.org/10.1080/02673843.2017.1330698>
- Madigan, S., Brumariu, L. E., Villani, V., Atkinson, L., & Lyons-Ruth, K. (2016). Representational and questionnaire measures of attachment: A meta-analysis of relations to child internalizing and externalizing problems. *Psychological Bulletin*, 142(4), 367–399. <https://doi.org/10.1037/bul0000029>.
- Mancinelli, E., Liberska, H.D., Li, J.-B., Espada, J.P., Delvecchio, E., Mazzeschi, C., Lis, A., & Salcuni, S. A. (2021). Cross-Cultural Study on Attachment and Adjustment Difficulties in Adolescence: The Mediating Role of Self-Control in Italy, Spain, China, and Poland. *International Journal of Environmental Research Public Health*, 18, 8827. <https://doi.org/10.3390/ijerph18168827>
- Marôco, J. (2018). *Análise estatística com o SPSS Statistics. 7ª edição*. ReportNumber, Lda.
- Maughan, B., Collishaw, S., & Stringaris, A. (2013). Depression in childhood and adolescence. *Journal of the Canadian Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 22(1), 35-40.
- Matos, P. M., & Costa, M. E. (2001). *Questionário de vinculação ao pai e à mãe*. Manuscrito não publicado. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Meier, A. M., Carr, D. R., Currie, J. M., & Neimeyer, R. A. (2013). Attachment anxiety and avoidance in coping with bereavement: two studies. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 32(3), 315-334.
- Meeus, W., Iedema, J., Maassen, G., & Engels, R. (2005). Separation individuation revisited: On the interplay of parent adolescent relations, identity and emotional adjustment in adolescence. *Journal of Adolescence*, 28(1), 89-106. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2004.07.003>
- Missio, F., & Jacobi, L. (2007). Variáveis dummy: especificações de modelos com parâmetros variáveis. *Ciência e Natura*, 29(1), 111-135.
- Mónaco, E., Schoeps, K., & Montoya-Castilla, I. (2019).

- Attachment styles and well-being in adolescents: how does emotional development affect this relationship? *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 16(14), 2554. <https://doi.org/10.3390/ijerph16142554>
- Monteiro, L., Veríssimo, M., Vaughn, B. E., Santos, A. J., & Fernandes, M. (2008). Análise do fenómeno de base segura em contexto familiar: As relações criança/mãe e criança/pai. *Psicologia*, 22(1), 104 – 125.
- Ntoumanis, N., Edmunds, J., & Duda, J. L. (2009). Understanding the coping process from a self-determination theory perspective. *British Journal of Health Psychology*, 14, 249–260. <https://doi.org/10.1348/135910708X349352>
- Nunes, F., Matos, P.M., Ferreira, T., Schoon, I., & Mota, C.P. (2023). Ecological correlates of adolescents' sense of personal Agency: Are there differences for boys and girls? *Personality and Individual Differences*, 214, 112354. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2023.112354>
- Pinquart, M. (2016). Associations of parenting styles and dimensions with academic achievement in children and adolescents: A meta-analysis. *Educational Psychology Review*, 28(3), 475–493. <https://doi.org/10.1007/s10648-015-9338-y>
- Platts, L. G., Alm Norbrian, A., & Frick, M. A. (2022). Attachment in older adults is stably associated with health and quality of life: Findings from a 14-year follow-up of the Whitehall II study. *Aging & Mental Health*, 27(9), 1832–1842. <https://doi.org/10.1080/13607863.2022.2148157>
- Radloff, L. S. (1977). The CES-D scale: a self-report depression scale for research in the general population. *Applied Psychological Measurement*, 3, 385-401. <https://doi.org/10.1177/014662167700100306>.
- Reis, H. T., Sheldon, K. M., Gable, S. L., Roscoe, J., & Ryan, R. M. (2000). Daily well-being: The role of autonomy, competence, and relatedness. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 26, 419-435. <https://doi.org/10.1177/0146167200266002>.
- Rockhill, C. M., Stoep, A. V., McCauley, E., & Katon, W. (2009). Social competence and social support as mediators between comorbid depressive and conduct problems and functional outcomes in middle school students. *Journal of Adolescence*, 32(3), 535-553. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2008.06.011>
- Ryan, R. M., & Deci, E. L. (2008). Self-determination theory and the role of basic psychological needs in personality and the organization of behavior. In O. P. John, R. W. In O. P. John, R. W. Robins, & L. A. Pervin (Eds.), *Handbook of personality: Theory and research* (pp. 654–678). The Guilford Press.
- Ryan, R. M., & Deci, E. L. (2017). *Self-determination theory: Basic psychological needs in motivation, development, and wellness*. Guilford Publishing
- Ryan, R. M., Deci, E. L., & Vansteenkiste, M. (2016). Autonomy and autonomy disturbances in self-development and psychopathology: Research on motivation, attachment, and clinical process. In D. Cicchetti (Editor). *Developmental psychopathology: Theory and method*, Volume 1. 3rd Edition (pp.385-438). Wiley.
- Ross, A., & Willson, V.L. (2017). Hierarchical multiple regression analysis using at least two sets of variables (In Two Blocks). In: *Basic and Advanced Statistical Tests*. Sense Publishers, Rotterdam. https://doi.org/10.1007/978-94-6351-086-8_10
- Sheldon, K. M., & Hilpert, J. C. (2012). The balanced measure of psychological needs (BMPN) scale: an alternative domain general measure of need satisfaction. *Motivation and Emotion*, 36, 439–451. <https://doi.org/10.1007/s11031-012-9279-4>.
- Slemp, G. R., Kern, M. L., Patrick, K. J., & Ryan, R. M. (2018). Leader autonomy support in the workplace: A meta-analytic review. *Motivation and Emotion*, 42(5), 706–724. <https://doi.org/10.1007/s11031-018-9698-y>
- Uzman, E. (2014). Basic psychological needs and psychological health in teacher candidates. *Procedia - Social and Behavioral Sciences* 116, 3629 – 3635. <https://doi.org/10.1016/j.sbspro.2014.01.814>
- Vagos, P., & Carvalhais, L. (2020). The impact of adolescents' attachment to peers and parents on aggressive and prosocial behavior: A short-term longitudinal study. *Frontiers in Psychology*, 11, 592144. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.592144>
- Vansteenkiste, M., Ryan, R. M., & Soenens, B. (2020). Basic psychological need theory: Advancements, critical themes, and future directions. *Motivation and Emotion*, 44, 1–31 <https://doi.org/10.1007/s11031-019-09818-1>
- Wei, M., Philip, A. S., Shaffer, A., Young, S. K., & Zakalik, R. A. (2005). Adult attachment, shame, depression, and loneliness: the mediation role of basic psychological needs satisfaction. *Journal of Counseling Psychology*, 52, 591–601. <https://doi.org/10.1037/0022-0167.52.4.591>.
- Yu, S., Levesque-Bristol, C., & Maeda, Y. (2018). General need for autonomy and subjective well-being: A meta-analysis of studies in the US and East Asia. *Journal of Happiness Studies*, 19, 1863–1882.